

DIÁRIO DE TRANSBORDO: OFICINA DE DESENHO - IV¹

Rafael Muniz Espíndola²

Hundertwasser, Artur Bispo do Rosário, Antoni Gaudí, entre outros artistas, são exemplos de como a vida não se dissocia da arte, do processo criativo ou de linhas de pensamentos. Eles fizeram de si um personagem, acreditando no que faziam e incorporaram - corporizaram - o próprio pensamento e processo em suas vidas, nesse caldeirão de imanência.

Um dos títulos que caiu em minhas mãos por acaso e percebi o quão potente era o trabalho, fora “Hundertwasser, o pintor-rei das cinco peles”³, artista austríaco que pouco conhecia. À medida que o folheava, suas peles foram abertas e expostas, fizeram da pintura uma composição com a vida, a arquitetura e o próprio modo de ser. Mudou de nome e construiu-se. Em seus tratados, com conceito de peles, afirma que todos os meios de convívio estão intrinsecamente ligados, a primeira pele: epiderme; segunda: vestuário; terceira: a casa do homem; quarta: meio social e identidade; e a quinta: o meio global – ecologia e humanidade e por meio delas é que o homem se constitui como ser ativo, sensível e ético à natureza. Trata-se de um indivíduo híbrido à natureza e a seus fazeres, preocupado com as questões próprias de seu tempo e lugar.

¹ Texto escrito a partir da realização da oficina Diário de Transbordo, realizada no dia 27/06/2016, ministrada pelo bolsista de extensão e artista Rafael Muniz Espíndola. A oficina é uma ação dos Estudos do Corpo, que é uma atividade de Extensão da FACED/UFRGS sob a coordenação da Prof^a Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz.

² **Rafael Muniz Espíndola** - Artista Visual. Acadêmico da Graduação em Artes Visuais (UFRGS); Integrante dos Estudos do Corpo; Integrante do NAI - Núcleo de Arte Impressa do Instituto de Artes da UFRG. Estudou no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (Atelier Livre Xico Stockinger) em desenho no ano de 2009, gravura em metal entre 2011 e 2013; e no Museu do Trabalho em litografia no ano de 2013. Já teve suas produções artísticas em diversas exposições: Exposição [entre] corpos (2016), Feevale, DESEJOS DESENHOS no espaço expositivo do Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues (2014), Instituto de Artes UFRGS, espaço Ado Malagoli (2015), entre outras. <http://cargocollective.com/RafaelMuniz>

³ RESTANY, Pierre. O Poder da Arte. Hundertwasser – o pintor-rei das cinco peles. Taschen.

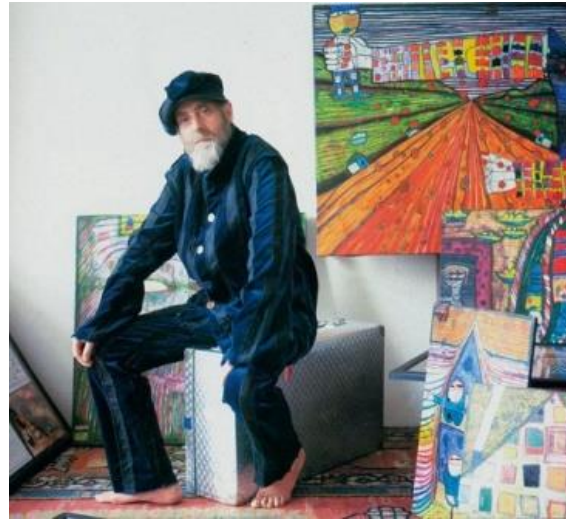


Imagem 1⁴ - Hundertwasser em seu estúdio

Outro artista, ainda que haja ressalvas por esta nomenclatura, trata-se do brasileiro Artur Bispo do Rosário, que em sua “loucura” institucionalizada, fez de si também um personagem, profeta autoproclamado, que fora enterrado sem seu manto da apresentação, contrariando sua própria vontade e o manifesto da segunda pele de Hundertwasser.



Imagem 2⁵ - Artur Bispo do Rosário com o manto da apresentação

⁴ Imagem disponível em:
<http://www.bioclimaticarquitectura.com.br/2009/07/hundertwasser-5-peles.html>. Acesso em: 19 de julho de 2016

⁵ Imagem disponível em:
http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/imagens_raras_de_bispo_do_rosario.html Acesso em: 19 de julho de 2016

Até então temos um corpo, uma pele (as roupas) e a urbanidade (morada) com Antoni Gaudí, famoso arquiteto catalão, construindo de forma orgânica um imaginário criativo, quebrando com ideias cartesianas da arquitetura. O homem não se separa das coisas que cria, muito menos das que o compõe fora de sua casa e em contato com os outros.



Imagem 3⁶ - Casa Batlló, Barcelona, Espanha. Antoni Gaudí

Esse cruzamento entre pessoas, morada, vestuário e imagens nos compõe, pois é no atravessamento de informações que criamos e imaginamos que mundos possíveis são

⁶ Imagem disponível em: http://spanish.china.org.cn/travel/txt/2013-10/22/content_30369196_3.htm. Acesso em: 19 de julho de 2016

descobertos, abertos, dobrados, estilhaçados, picados e reconstruídos sempre, e cada vez de modos diferentes.

Assim como Heráclito, o homem não é mais o mesmo quando se atravessa uma segunda vez, nós também não somos os mesmos desde o início dessa leitura, que pode tender a não servir para nada mais além dessa finalidade, que tampouco entendo. Mas que fique o anti-registro da última atividade desta oficina neste semestre, sabendo que quando falamos das coisas, dizemos muito mais de nós do que o objeto do qual observamos, em âmbito científico, o registro fica nas entrelinhas destas palavras. Tudo o que foi construído não se pode dizer, muito menos explicar, porque está nos afetos de cada participante.

Não somos mais os mesmos e os caminhos também não o são, pois retrabalhamos os caminhos cegos percorridos por sabe-se lá que mãos, que olhos, que não-olhos, que coisas, que mundos e que pés curupiras andaram por entre as linhas riscadas e arrancadas.

A oficina produziu efeitos para que algo fosse construído com uma linha, com uma ação e com disparos provocados pela própria criação e discussão sobre os planos cruzados de vivência: identidade, roupa, casa e modos de vida e modos de morte. Abertura de planos. Abertura de linhas. Aberturas de brancos. Aberturas de mundos. Fendas perspectivas de desenho. *Habeas Corpus Libidus*. Os olhos se tornaram cicerones dos gestos? O olho-corpo fora construído? Os gestos passaram, pararam, mantiveram-se estáticos nas sombras do papel. Alguma coisa fora criada, se não criada, construída para ser de outra forma, em outra ordem que não o próprio desejo de desenhar, mas percorrer seu próprio caminho e criar-se.

Para referenciar este texto (ou trabalho):

ESPÍNDOLA, Rafael Muniz. Diário de transbordo: oficina de desenho IV. Estudos do Corpo/Cartografar Corpos – Atividade de Extensão FAGED/UFRGS. Ano 05, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://estudosdocorpo.weebly.com/blogue/diario-de-transbordo-oficina-de-desenho-iv>